



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,

EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB

A INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM TDAH NO AMBIENTE ESCOLAR

JUCIANE APARECIDA ANDRADE PEREIRA

ORIENTADOR(A): RAQUEL SOARES DE SANTANA

BRASÍLIA/2015



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

JUCIANE APARECIDA ANDRADE PEREIRA

A INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM TDAH NO AMBIENTE ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientador (a): Raquel Soares de Santana

BRASÍLIA/2015

TERMO DE APROVAÇÃO

JUCIANE APARECIDA ANDRADE PEREIRA

A INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM TDAH NO AMBIENTE ESCOLAR

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em ____/____/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Raquel Soares de Santana

NOME DO ORIENTADOR (Orientador)

NOME DO EXAMINADOR (Examinador) (a ser preenchido após a defesa)

NOME DO ALUNO (Cursista)

BRASÍLIA/2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar a sabedoria necessária para concluir esse trabalho e força para não desistir e vencer as dificuldades.

Agradeço à minha família por ter me apoiado e compreendido os momentos de cansaço e falta de tempo disponível para eles.

Agradeço à minha orientadora Raquel Soares de Santana, que contribui muito me auxiliando durante toda a pesquisa com muito carinho, sabedoria e atenção.

Agradeço aos professores, alunos e pais que se dispuseram a doar um pouco do seu tempo e conhecimento para contribuir com a realização dessa pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar da Universidade de Brasília – UNB, que me proporcionou bons momentos de estudos e novos conhecimentos.

RESUMO

É comum encontrarmos nas salas de aula das nossas escolas, alunos diagnosticados com TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. A maioria desses alunos apresenta comportamentos indisciplinados e rendimento escolar abaixo do esperado. Portanto, o objetivo desse trabalho de pesquisa foi analisar alternativas pedagógicas que possibilitem um melhor desenvolvimento do processo de aprendizagem desses alunos. A metodologia aplicada para a realização desta pesquisa consistiu em uma coleta de dados através da realização de observações do ambiente escolar, entrevistas semiestruturadas com professores e mães de alunos utilizando gravações em áudio e caderno de campo. Os principais resultados alcançados foram que os alunos com TDAH são recebidos na escola, mas sem nenhuma metodologia que contribua efetivamente para seu desenvolvimento. São colocados em salas de aula cheias, sem acompanhamento psicopedagógico. Falta orientação para as famílias e capacitação para os professores. Os medicamentos mesmo apresentando efeitos colaterais, são usados como a principal alternativa para o desenvolvimento dessas crianças. A conclusão geral é que alguns professores tentam dentro de suas possibilidades adotar alternativas pedagógicas que viabilizem o melhor desenvolvimento da aprendizagem para esses alunos, mas muito mais precisaria ser feito. Mesmo tendo consciência dos efeitos colaterais e dos prejuízos provocados pela Ritalina, pais e professores ainda a veem como aliada para a melhora do comportamento e da aprendizagem dessas crianças.

Palavras-Chave:

TDAH - Aprendizagem – Indisciplina - Medicamentos

SUMÁRIO

RESUMO	5
1 APRESENTAÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
2.1 Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH	11
2.1.1 O que é TDAH?	11
2.1.2 O diagnóstico do TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e	
Hiperatividade	12
2.2 A inclusão das crianças com TDAH no ambiente escolar	13
2.2.1 A participação da família na escola.....	13
2.2.2 Aprendizagem para todos: Metodologias de ensino que promovem o	
desenvolvimento dos alunos TDAHs	14
2.3 A medicalização das crianças com TDAH	15
2.3.1 O uso de medicamentos pelas crianças com TDAH	16
2.3.2 O papel da escola diante dos alunos diagnosticados com TDAH que fazem	
uso da Ritalina	16
3 OBJETIVOS.....	18
4 METODOLOGIA	
4.1 Fundamentação Teórica da Metodologia	19
4.2 Contexto da Pesquisa	19
4.3 Participantes	20
4.4 Materiais e Instrumentos de Construção de Dados	21

4.5 Procedimentos de Construção de Dados	21
4.6 Procedimentos de Análise de Dados	22
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	
5.1 Alunos com TDAH em salas superlotadas	23
5.2 Falta de Apoio Psicopedagógico e Orientações às Famílias e Professores	24
5.3 Organização do espaço escolar	25
5.4 As impressões dos familiares quanto ao uso da Ritalina	26
5.5 As impressões dos professores quanto ao uso da Ritalina e a influência dela no comportamento e aprendizado das crianças com TDAH	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICES	
A – Entrevista semiestruturada pais e/ou responsáveis (MODELO)	33
B – Entrevista semiestruturada professores (MODELO)	35
ANEXOS	
A- Carta de Apresentação – Escola (Modelo)	37
B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor (Modelo)	38
C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais (Modelo)	39

1. APRESENTAÇÃO

Nos tempos atuais o ritmo de vida da sociedade está muito acelerado, tendo mudado bastante se comparado com alguns anos atrás. Essa mudança trouxe muitos benefícios, mas também alguns desafios, inclusive dentro do campo da educação. Assim como a sociedade mudou, nossas crianças também mudaram. Percebemos isso principalmente no ambiente escolar, onde estas passam grande parte do seu tempo.

A educação sempre foi e será um desafio, pois cada ser é único e carrega consigo suas particularidades. Dentro de uma sala de aula temos reunidos uma diversidade de alunos, cada um com seu jeito próprio de ser e de aprender, cabendo ao professor a tarefa de buscar metodologias que atendam a todos, sem distinção.

Mas, percebemos que na atualidade os desafios enfrentados pelo professor são cada vez maiores, visto que as salas de aula estão cada dia mais cheias. Na escola em que trabalho, são em média de 30 a 40 alunos, sendo que dentre esses, alguns possuem algum tipo de limitação física, neurológica, ou psicológica, e nem sempre existe um professor de apoio para esses alunos. Porém, o assunto trabalhado nessa pesquisa não se refere às limitações físicas.

Atualmente, sou professora do 4º ano do Ensino Fundamental Básico de uma escola pública Estadual. Também já trabalhei em escolas particulares com os 4º e 5º anos. Percebi durante minha trajetória profissional, que independente da escola ser pública ou particular, encontramos em ambas um grande número de alunos com sérias dificuldades de aprendizagem e também comportamentais. São alunos que por mais que o professor tente, explique, insista, não conseguem ultrapassar a barreira do conhecimento, exigindo do professor um “algo a mais”. Muitos desses alunos são “diagnosticados” com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH, sendo que este diagnóstico nem sempre é dado por um profissional especializado.

Tornou-se comum ouvirmos dos professores relatos a respeito de seus alunos que não aprendem ou não querem aprender. Alguns acreditam na existência do transtorno, outros dizem ser falta de limite em casa. Mas o que sabemos é que esses alunos não aprendem como deveriam e por vezes ficam esquecidos num canto da sala, deixando de fazer as tarefas e sendo levados continuamente para a direção por mau comportamento. Seja qual for a causa, o fato é que o problema existe e devemos buscar uma solução para ele.

A questão principal que desencadeou esse trabalho de pesquisa foi como o professor pode vencer as barreiras que dificultam o diagnóstico do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e promover a verdadeira inclusão, contribuindo com o processo de aprendizagem dos alunos. Atualmente em nossas escolas, muitos alunos apresentam um desenvolvimento bem abaixo do esperado. Por mais que o professor utilize estratégias diferenciadas, é como se houvesse uma barreira entre os conteúdos ministrados e estes alunos. Alguns são diagnosticados com TDAH, outros não têm nenhum diagnóstico.

O primeiro desafio do professor diante desta situação é a dificuldade do diagnóstico do TDAH, devido a sua “invisibilidade”. Para muitos, até mesmo para alguns professores esses alunos são crianças indisciplinadas, “mal-educadas” e preguiçosas. Como distinguir uma criança simplesmente indisciplinada de uma hiperativa? Qual a diferença entre um aluno desinteressado pelos estudos e outro com déficit de atenção, ou com os dois juntos, ou seja, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)? O primeiro preconceito a ser vencido está na percepção do problema e aceitação do diagnóstico. Como alertar os pais adequadamente quanto à necessidade de buscar ajuda profissional para seus filhos, de modo que não prejudique ainda mais essa criança, fazendo com que ela se sinta “diferente” dos outros e incapaz de aprender? Qual então, a melhor maneira de tratar esse assunto com a família?

Atualmente, tem crescido muito o número de crianças diagnosticadas com TDAH, mas será que todas necessitam de medicação ou estes estão sendo usados em excesso? O uso de medicamentos é mesmo necessário em todos os casos? Como lidar com esses alunos dentro da sala de aula, promovendo a inclusão de forma efetiva, para que o processo de aprendizagem seja alcançado por todos? Estes são alguns questionamentos que busquei responder neste trabalho, após realizar uma pesquisa de campo em uma escola pública estadual, observando e acompanhando alunos do 4º ano do Ensino Fundamental Básico, além de entrevistas com os pais, professores e coordenadores.

Quando trabalhamos com estudantes com alguma deficiência física, sabemos onde está o problema e o que se deve fazer. Existe um laudo, um acompanhamento médico, sabemos os avanços que são possíveis, conhecemos os limites daquele aluno. Mas quando o problema é psicológico, lidamos com algo invisível. Existe uma barreira entre o professor e os alunos

com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), e se o professor não buscar conhecimento para transpassar essa barreira, a inclusão destes alunos no ambiente escolar vai ficando cada vez mais difícil.

Vejo a importância dessa pesquisa, por tratar de um assunto que está presente em quase todas as salas de aula. Não é raro ouvirmos reclamações e lamentações dos profissionais da educação por causa deste ou daquele aluno que não “faz nada” e ainda “atrapalha”. Mas por que ele age assim? Será que é por vontade própria? E o que nós professores podemos fazer para mudar essa realidade? Será que reclamar do aluno e puni-lo com ocorrências e notas baixas é a melhor forma para se resolver o problema, ou estamos contribuindo para que esses alunos “passem” pela escola, levando consigo as marcas do preconceito e da discriminação?

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH

2.1.1 O que é TDAH?

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH é reconhecido no meio médico desde o início do século XX, mas somente a partir de 1970 ganhou destaque nos diagnósticos, principalmente na América do Norte. Em 1992, o transtorno foi reconhecido legalmente pela Organização Mundial de Saúde através da Classificação Internacional de Saúde (CID 10). (LEGNANI e ALMEIDA, 2008)

Segundo Galvão e Abuchaim (2009), a principal causa do TDAH é de ordem genética, mas o fumo durante a gestação e fatores externos vinculados a problemas familiares, também estão relacionados à predisposição ao desenvolvimento dos sintomas do TDAH. Esses sintomas ficam mais perceptivos, quando a criança é submetida a situações onde necessita de concentração e desempenho, como por exemplo, na fase escolar.

Além disso, a exposição a eventos psicológicos estressantes, como uma perturbação no equilíbrio familiar, ou outros fatores geradores de ansiedade podem agir como desencadeadores ou mantenedores dos sintomas. (GALVÃO, ABUCHAIM, 2009, p. 1).

Os sintomas do TDAH têm início na infância e se estendem até a fase adulta, não sendo possível que alguém comece a desenvolver o transtorno na fase adulta, mas sim antes dos sete anos de idade. Normalmente, os primeiros sintomas aparecem logo que a criança é introduzida no ambiente escolar, onde será exigido dela um poder de concentração maior do que ela é capaz de oferecer. Os sintomas mais comuns são a desatenção, o esquecimento, a impaciência, a resistência ao cumprimento de regras, a inquietação. (FREITAS et al., 2010)

Devido ao seu início precoce e ao seu caráter crônico, esse transtorno prejudica o desenvolvimento do indivíduo, trazendo limitações que posteriormente serão difíceis de serem superadas. (FREITAS et al., 2010, p. 176)

Por se tratar de um transtorno que se manifesta de forma crônica nos primeiros anos de vida da criança, não permitindo principalmente que ela se concentre, o TDAH, pode trazer sérios prejuízos às crianças, seja no âmbito educacional, como também no pessoal, pois dificulta seu

desenvolvimento educacional e também afeta sua autoestima, fazendo com que se sinta incapaz, inferior.

2.1.2 O diagnóstico do TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade

Nos dias atuais, o diagnóstico do TDAH assumiu papel principal para justificar o aumento dos problemas de aprendizagem de nossas crianças. Tornou-se comum, ouvirmos de mães e professores ao se referir aos seus filhos e alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e problemas comportamentais, dizerem que eles são TDAH. Em todas as salas encontramos crianças com esse mesmo diagnóstico, e não são poucas.

Atualmente, o diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDA/H) tem sido uma das descrições médicas mais utilizadas para dar vazão ao mecanismo de psicopatologização das dificuldades que comparecem na infância, em uma concepção biologizante do desenvolvimento e do psiquismo humanos. (LEGNANI e ALMEIDA, 2008, p.5)

Porém, algumas crianças podem apresentar sintomas característicos do TDAH por um curto período de tempo, por exemplo, por alguns meses. A causa desses sintomas pode ser decorrente de algum trauma psicológico pelo qual ela passou ou esteja passando. Por isso, para diagnosticar o TDAH, deve-se analisar minuciosamente o comportamento da criança por um período maior de tempo, não podendo se basear em poucos meses, mas sim desde a idade pré-escolar.

Outro fator importante no diagnóstico do TDAH é que não pode deixar de ser observado, é referente aos locais onde ocorrem os sintomas. Uma criança que se apresenta agitada somente no ambiente escolar e em casa se comporta normalmente, não pode ser diagnosticada como TDAH. O mesmo acontece ao contrário. Se ela se comporta bem na escola e em casa apresenta dificuldades para cumprir regras, ela também não apresenta os sintomas do TDAH. Para ser diagnosticada com TDAH, é preciso que os mesmos sintomas de agitação, desatenção, dificuldades em cumprir regras, estejam presentes em todos os ambientes onde essa criança convive. (ROHDE et al., 2000)

2.2 A inclusão das crianças com TDAH no ambiente escolar.

2.2.1 A participação da família na escola.

A presença e a participação da família na escola são sempre importantes para todos os alunos, independente de ter ou não alguma dificuldade de aprendizagem. No caso dos alunos que apresentam os sintomas do TDAH, é essencial para o bom desenvolvimento da criança que escola e família estabeleçam um trabalho baseado na cooperação e no diálogo. Familiares e professores devem trabalhar juntos, colaborando um com o outro em prol do pleno aprendizado do aluno.

Ao conversar com os pais a respeito das dificuldades de seu filho, o professor deve tomar muito cuidado para não assustá-los e não se precipitar dando diagnósticos, pois estes só podem ser feitos por especialistas e após uma análise criteriosa de diversos elementos. Alguns pais se assustam ao ouvir do professor que ele precisa levar seu filho a um profissional especializado. Portanto, o professor nesse momento deve estar seguro do que está falando e demonstrar aos pais que possui entendimento sobre o assunto, esclarecendo algumas dúvidas, que contribuirão para acalmá-los.

Nem sempre os pais admitem que o filho seja portador do TDAH. Visando à redução do impacto do transtorno na vida da criança, atitudes simples, como o estabelecimento de uma rotina estável em casa pode ajudar, já que proporciona menor quantidade de estímulos diários.

A maioria dos pais, quando surpreendidos pela sugestão de procurarem ajuda profissional, fica amedrontada e, por vezes, resiste em fazê-lo. (FREITAS et al.,2010, p. 176-177)

O papel dos pais é essencial no desenvolvimento da criança TDAH. Em casa ela deve seguir uma rotina bem organizada e não receber muitos estímulos que os deixarão mais agitados. Devem ter um ambiente tranquilo e calmo para fazer as tarefas, possibilitando melhor concentração. O professor estando preparado e em sintonia com os pais poderá orientá-los sobre como lidar com seu filhos TDAHs.

2.2.2 Aprendizagem para todos: Metodologias de ensino que promovem o desenvolvimento dos alunos TDAHs

No ambiente escolar estão presentes crianças de diferentes culturas, crenças e costumes. Cada ser é único e carrega consigo suas particularidades que formam o indivíduo. Nas salas de aula temos reunidos uma diversidade de crianças, dentre esses alguns com comportamentos e atitudes diferentes: mais alheios, rebeldes, distraídos ou impulsivos. Ao professor, cabe a tarefa de proporcionar a todos a oportunidade de produzir seu próprio conhecimento, sem deixar ninguém para trás. Mas como alcançar essa meta, tão desafiadora?

Presenciamos frequentemente nas salas de aula crianças que não concentram nas atividades que estão sendo realizadas. Quando o professor está explicando algum conteúdo, basta observar e veremos alunos distraídos com objetos alheios à aula, ou olhando para fora da sala, ou até mesmo para o teto. Então, me pergunto: por que isso acontece?

Já ouvimos muitos professores dizendo que este ou aquele aluno não presta atenção porque ele não sabe a matéria, não está entendendo nada. Segundo Freitas et al., (2010) o que acontece é o contrário. Os alunos TDAH não aprendem porque não conseguem prestar atenção. O papel do professor nesses casos é de fundamental importância na vida educacional dessas crianças. Um professor atento e dedicado a seus alunos pode dispor de estratégias que desenvolvam o aprendizado de forma efetiva.

Uma vez diagnosticado, o professor tem condições de ajudar o aluno com TDAH sem, com isso, prejudicar a turma. Por meio de algumas estratégias, ele pode facilitar o cotidiano dessa criança na escola. 'Ela deve ser incentivada a aprender da forma consensual, mas também não precisa ser desestimulada a nunca mais tentar formas diferentes de resolver os mesmos problemas.' (FREITAS et al., 2010, p. 178)

Os alunos que apresentam os sintomas do TDAH devem preferencialmente sentar-se nas primeiras carteiras da sala, nunca perto da porta ou da janela, para evitar que se distraiam. As atividades se possível não devem ser longas, para que não ultrapassem o tempo de concentração dos alunos. É importante procurar diversificar o método de ensino, deixando uma aula diferente da outra, a fim de motivar os alunos. Estas e também outras estratégias que o professor vai descobrindo no decorrer do seu trabalho podem trazer um ganho significativo para os alunos com TDAH. O professor deve estar atento aos seus alunos e de forma alguma

fazer distinção entre eles, pois as crianças com TDAH tendem a sofrer de baixa autoestima, devido às dificuldades de aprendizagem e também de relacionamento com os colegas, sendo de suma importância fazê-lo acreditar em seu potencial de aprendizado e incentivando-o sempre.

2.3 A medicalização das crianças com TDAH

O processo de medicalização, segundo Moysés e Collares (1994), consiste em transformar questões não médicas, em questões médicas. Ou seja, tentar encontrar na área médica causas e soluções para problemas de origem social e política. Quando uma criança no ambiente escolar apresenta dificuldades de aprendizagem, é comum ouvirmos dos professores que aquele aluno tem uma doença: “ele não é normal”, tem “problemas”.

Mas por que isso acontece? Por que os professores buscam justificar o fracasso do aluno procurando algo de errado no aluno, em sua família, ou nos dois juntos? Segundo Moysés e Collares, “O que não vai bem, é transformado em doença.” (1994, p.75) “O que deveria ser foco de uma discussão político-pedagógico, é transformado numa busca de causas e soluções médicas.” (1994, p.27)

Tendo como base um comportamento considerado “ideal”, começa-se a ver todo e qualquer tipo de comportamento que seja diferente deste como “anormal”. (MOYSES e COLLARES, 2013, p. 12)

Nessa procura incessante de causas e soluções, a escola como instituição de ensino, vai se isentando das responsabilidades frente ao fracasso dos alunos. Numa realidade onde todos são afetados negativamente, a escola se apresenta como “vítima de uma clientela inadequada”, buscando explicações e justificativas frente ao fracasso escolar de seus alunos, e colocando toda a causa desse fracasso em fatores relacionados à família e/ou saúde da criança. (MOYSÉS e COLLARES, 1994, p.27)

Problemas comuns ocasionados por fatores muitas vezes socioculturais vão se transformando em diversos transtornos. Ao se deparar com situações complexas, difíceis de se resolver, optam-se por soluções mais fáceis e práticas, muitas vezes encontradas nos medicamentos.

2.3.1 O uso de medicamentos pelas crianças com TDAH

Quando nos referimos ao TDAH, a questão da medicação causa certa polêmica. Medicar ou não medicar? Vários autores têm opiniões diferenciadas a esse respeito. Uns dizem que a medicação na infância aumenta os riscos desta criança fazer uso de drogas ilícitas na adolescência. Outros apresentam opinião totalmente inversa, afirmando que a falta da medicação para as crianças com TDAH é que representa perigo a um possível uso de drogas na juventude ou adolescência. Mas o que sabemos é que o consumo de medicamentos pelas crianças aumentou muito.

Sendo assim, muitas crianças que não teriam problema neurológico passam, através de uma avaliação inadequada, a ter um transtorno de aprendizagem. Para tanto, iniciam um tratamento com medicação, podendo criar um vício que pode durar muito tempo, ou até mesmo, a vida inteira. (LERNER, 2014, p. 12)

Segundo Moysés e Collares (2013), os diagnósticos do transtorno não são realizados de maneira correta, baseando-se apenas em pequenos relatos e avaliações superficiais. Desta forma, o que temos são crianças medicadas sem a devida necessidade e sofrendo as consequências de um efeito colateral medicamentoso.

2.3.2 O papel da escola diante dos alunos diagnosticados com TDAH que fazem uso da Ritalina

A medicalização surge na vida das crianças como forma de sanar os problemas de aprendizagem que acometem muitas delas. Esses problemas, vistos como doenças individuais, começam a ser tratados através de medicamentos que prometem auxiliar a criança no desenvolvimento da sua aprendizagem e do seu comportamento. (LERNER, 2014, p. 14)

É comum as crianças com diagnósticos de TDAH fazerem uso de alguns medicamentos como, por exemplo, a Ritalina, esperando que esses resolvam todos os problemas comportamentais e também de aprendizagem. Muitos destes alunos não passaram por uma avaliação médica adequada, com a realização de investigações profundas levando em conta seu histórico comportamental em diferentes ambientes, aumentando o risco de serem medicados indevidamente.

A grande preocupação que surge nesse sentido é que o uso de medicamentos se torne abusivo e indiscriminado, sendo usados em alguns casos em que não haveria tanta necessidade. Os medicamentos são usados para resolver certos problemas que, muitas vezes, poderiam ser percebidos como normais e que poderiam ser resolvidos, usando estratégias diferenciadas, mas acabam sendo tratados como se fossem doenças. (LERNER, 2014, p. 15)

Desta forma, os medicamentos têm sido usados em alguns casos de forma indiscriminada para resolver problemas que poderiam ser resolvidos através da adoção de estratégias pedagógicas diferenciadas. De acordo com Freitas et al., (2010), a escola representa um importante papel no desenvolvimento das crianças com TDAH. O professor pode contribuir muito para facilitar o processo de aprendizagem dos alunos diagnosticados com TDAH, utilizando práticas pedagógicas simples, desenvolvidas no ambiente escolar e que devem ser continuadas também em casa.

“Sendo importante ainda o estabelecimento e a manutenção do vínculo escola/família. O professor deve estar em sintonia com os pais para que possam orientar e trabalhar com a criança hiperativa.” (FREITAS et al., 2010, p. 178)

Manter o diálogo entre a escola e a família, estabelecendo uma relação de confiança e cooperação entre ambas, representa um fator importante para o sucesso educacional, que depende da dedicação e cooperação de todos os envolvidos. É a família, os alunos e professores trabalhando juntos para alcançarem o objetivo maior: o desenvolvimento sociocultural e a aprendizagem.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Analisar alternativas pedagógicas que possibilitem um melhor desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos diagnosticados com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade - TDAH

3.2 Objetivos Específicos

- Analisar como as crianças com TDAH estão incluídas na sala de aula.
- Identificar alternativas pedagógicas que possibilitam aos alunos com TDAH o efetivo desenvolvimento da aprendizagem.
- Analisar as impressões dos familiares e professores quanto ao uso da Ritalina e a influência desse medicamento no comportamento e aprendizado das crianças com TDAH.

4 METODOLOGIA

4.1 Fundamentação Teórica da Metodologia

Utilizou-se como método de investigação a pesquisa qualitativa. Segundo Maciel e Raposo (2010), em uma pesquisa qualitativa, o processo de construção do conhecimento ocorre através da interação entre o pesquisador e os participantes, estabelecendo um vínculo de diálogo e trocas de saberes entre os envolvidos. O pesquisador assume um papel de neutralidade, sendo fiel aos instrumentos de registro dos dados coletados, que posteriormente serão analisados e confrontados com as teorias pesquisadas. Desta forma, o pesquisador constrói suas ideias baseadas nas observações do cotidiano e desenvolvidas de acordo com a bibliografia.

Nessa perspectiva, a teoria é vista como uma construção sistemática que é permanentemente confrontada com a multiplicidade de ideias que aparecem entre aqueles que a compartilham, das quais resultam um conjunto de alternativas que se expressam na investigação científica e que seguem diferentes zonas de sentidos em seu desenvolvimento sobre a realidade estudada. (MACIEL e RAPOSO, 2010, p. 81)

Na pesquisa qualitativa, as hipóteses não são pré-definidas pelo pesquisador, mas vão sendo construídas durante todo processo.

Isso ocorre porque a pesquisa qualitativa representa um processo permanente de produção de conhecimento, onde os resultados parciais se integram de forma permanente com novas interrogações e abrem novos caminhos à produção de conhecimento. (MACIEL e RAPOSO, 2010, p. 82)

A metodologia de pesquisa qualitativa não se explica por uma técnica de conhecimento pronto e acabado, mas por um processo de construção. Estando em constante desenvolvimento, os conhecimentos e saberes adquiridos se unem às diferentes e novas possibilidades, gerando novas indagações e construindo futuras investigações.

4.2 Contexto da Pesquisa

A coleta de dados para a construção desta pesquisa foi realizada em uma escola estadual localizada no bairro Vila Ipanema na cidade de Ipatinga-MG. A escola este ano está em festa,

pois comemora 50 anos de existência. Ela funciona nos turnos matutino e vespertino atendendo a alunos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental Básico.

Em seu espaço físico amplo, com 11 salas de aula, uma biblioteca, secretaria, sala dos professores, direção, cozinha ampla, refeitório, pátio, quadra coberta com palco e arquibancadas e um auditório. Todas as salas e também o pátio são acessíveis. A escola não possui sala de recursos. Somente um aluno autista do quarto ano vespertino é acompanhado por uma professora de apoio.

No turno matutino estão as turmas do 6º ao 9º ano e também uma turma do 1º e uma do 4º ano. No turno vespertino são atendidas as crianças do 1º ao 5º ano além da turma do 4º ano matutino que faz parte do PROETI – Programa de Educação em Tempo Integral. Eles ficam na escola das 7:00 até as 17:15 hs.

4.3 Participantes

A coleta de dados para a construção desta pesquisa foi realizada em duas turmas: uma do 4º ano e a outra do 3º ano do Ensino Fundamental. O 4º ano é do turno matutino e o 3º do turno vespertino. Os participantes desta pesquisa são 4 alunos com diagnóstico de TDAH, sendo dois de cada turma, todos meninos, as mães das quatro crianças e seis professoras.

Os alunos foram selecionados de acordo com o desempenho deles na sala de aula relatado pela professora participante e também através da análise dos documentos presentes na secretaria da escola. A professora da turma demonstrou desde o início disponibilidade e boa vontade para contribuir com a pesquisa

Os alunos são: Leonardo¹ e Caio¹ do 4º ano, com 10 anos de idade. Renato¹ e Daniel¹ do 3º ano com 9 anos de idade. Todos estudam nesta mesma escola desde o 1º ano do Ensino Fundamental.

As professoras que colaboraram com esse trabalho são: Geise¹ professora do 3º ano, leciona há 08 anos; Aline¹ professora do 3º ano e também leciona há 08 anos; Cibele¹ professora do 4º ano, leciona há 15 anos; Marina¹ professora do 4º ano, leciona há 18 anos; Luciana¹ professora do 1º ano, leciona há 27 anos; Lúcia¹ professora do 1º ano, leciona há 15 anos. Aline¹ é professora do Renato¹ e do Daniel¹. Marina¹ é professora do Leonardo¹ e do Caio¹.

¹ Nome fictício. Identidade Preservada.

Todas possuem formação superior em Pedagogia. Marina¹ possui curso de especialização em Educação Especial e Inclusão, Cibele¹ especialização em Psicopedagogia e Geise¹ está cursando Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

As mães participantes foram: Shirley¹, mãe do Renato¹; Elisa¹, mãe do Leonardo¹; Carmem¹, mãe do Caio¹ e Joana¹, mãe do Daniel¹.

4.4 Materiais e Instrumentos de Construção de Dados

Os recursos utilizados para a construção da pesquisa foram: caderno de diário de campo, gravador, roteiros de entrevistas semiestruturadas, questionários, análise de documentos (laudos).

4.5 Procedimentos de Construção de Dados

A construção de dados para esse trabalho foi realizada através de pesquisa de campo que teve três semanas de duração. Fiquei em campo do dia 28/09/2015 até 23/10/2015, porém na semana do dia 12 a 16/10/2015, foi recesso escolar em virtude da “semana das crianças”, retornando no dia 19/10/2015.

A escola instrumento desta coleta de dados é a mesma onde trabalho, sendo este um facilitador para o acesso aos documentos e ao diálogo com os professores e pais.

Na primeira semana, que foi do dia 28/09/2015 a 02/10/2015, iniciei meus trabalhos, conversando com alguns professores sobre o assunto da pesquisa, observando suas turmas e o comportamento de alguns alunos, analisando os documentos e relatórios desses alunos na secretaria.

Após selecionar os alunos participantes com ajuda dos professores regentes, entrei em contato com as famílias explicando o trabalho que estava sendo realizado e verificando a disponibilidade deles em participar das entrevistas.

Nas duas semanas seguintes, dei continuidade às observações da turma em diferentes momentos e atividades, fazendo anotações em meu caderno de diário de campo. As entrevistas com as mães foram realizadas na escola em dias e horários combinados. Cada

¹ Nome fictício. Identidade Preservada.

entrevista aconteceu individualmente, sendo gravadas em áudio, com a autorização prévia das participantes.

As entrevistas com as professoras também foram realizadas na escola, nos horários vagos das mesmas. O procedimento foi o mesmo, sendo as entrevistas também gravadas em áudio após o consentimento das colegas participantes.

Os roteiros das entrevistas foram utilizados para direcioná-las. As perguntas foram feitas oralmente por mim e as respostas transcritas posteriormente através da análise dos áudios.

4.6 Procedimentos de Análise de Dados

Após todos os dados serem coletados e registrados, iniciei a análise dos mesmos utilizando o preenchimento do Quadro de Coerência Metodológica. Para preenchê-lo, recorri aos objetivos geral e específicos da minha pesquisa. Utilizando esses objetivos, busquei em cada registro de dados coletado as respostas para os mesmos.

¹ Nome fictício. Identidade Preservada.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Alunos com TDAH em salas superlotadas

Na escola onde realizei a pesquisa, as salas são cheias, todas com mais de 30 alunos. As turmas do 4º ano são três: duas com 32 (trinta e dois) e uma com 31 (trinta e um) alunos. As duas turmas do 3º ano também possuem 32 (trinta e dois) alunos. Nas entrevistas realizadas com as 06 (seis) professoras, cinco apontaram as salas de aula cheias como um dificultador para o processo do ensino-aprendizagem dos alunos com TDAH. Diversos autores orientam que as crianças com TDAH estejam inseridas em salas com menor número de alunos, porém a realidade não é essa.

Intervenções no âmbito escolar também são importantes. As intervenções escolares devem ter como foco o desempenho escolar. Nesse sentido, idealmente, as professoras deveriam ser orientadas para a necessidade de uma sala de aula bem estruturada, com poucos alunos. (ROHDE et al., 2000, p. 9).

Como relatado pelas professoras durante as entrevistas, elas têm conhecimento de que a superlotação das salas de aula é prejudicial a todos os alunos e isso se agrava quando nos referimos aos alunos com TDAH, pois esses possuem comportamento agitado e dificuldade de concentração, necessitando portanto, de um ambiente mais tranquilo e silencioso, o que é difícil alcançar em uma sala cheia.

Hoje uma das maiores dificuldades para mim é a quantidade de alunos na sala. (professora Lúcia¹, entrevista, 20/10/2015)

A maior dificuldade é a falta de apoio da família e o excesso de alunos. (professora Marina¹, entrevista, 20/10/2015)

Fica difícil porque tenho 33 em sala de aula, faço o que posso, mas sei que não é o suficiente. (professora Luciana¹, entrevista, 19/10/2015)

As salas de aula são cheias, falta apoio da família, fica difícil. (professora Aline¹, entrevista, 09/10/2015)

A sala está superlotada, fica difícil dar atenção individualizada. (professora Geise¹, entrevista, 19/10/2015)

Porém, não cabe a elas a decisão quanto ao número de alunos nas turmas. O que ocorre é que a demanda de pais a procura de vagas para seus filhos nas escolas públicas de nossa cidade é muito grande.

O número de aluno. (mãe do aluno Renato¹, entrevista, 19/10/2015)

¹ Nome fictício. Identidade Preservada.

Salas cheias e alguns professores despreparados para lidar com situações adversas. (mãe do Lenonardo¹, entrevista 08/10/2015)

A quantidade de crianças, acho muito grande. (mãe do aluno Caio¹, entrevista 07/10/2015)

Tem muitos alunos nas salas de aula. (mãe do aluno Danilo¹, entrevista 20/10/2015)

As mães ao serem entrevistadas responderam o mesmo que as professoras. Realizei a entrevista com 4 mães, todas indicaram as salas cheias como a maior dificuldade para que seus filhos melhorem o desenvolvimento educacional. Mas infelizmente, nada tem sido feito para mudar esse quadro. É preciso que pais e professores se unam e cobrem da maneira correta uma solução para esse problema.

5.2 Falta de Apoio Psicopedagógico e Orientações às Famílias e Professores

As crianças com TDAH apresentam comportamento agitado e dificuldade de concentração, o que atrapalha no processo de assimilação dos conteúdos ministrados. O TDAH não é considerado uma NEE – Necessidade Educacional Especial, portanto esses alunos não são atendidos na sala de recursos e não possuem professor de apoio, porém necessitam de um atendimento individualizado e diferenciado, para que se desenvolvam como deveriam.

Os alunos pesquisados, mesmo apresentando defasagem na aprendizagem e problemas comportamentais, estão inseridos no ambiente escolar sem nenhum atendimento diferenciado, seja pedagógico ou psicológico. Somente as professoras regentes que tentam se desdobrar para dar conta de atender seus mais de 30 alunos. (Caderno de Campo, 02/10/2015)

Nas entrevistas com as mães elas deixaram claro o desejo de que seus filhos recebessem da escola um atendimento diferenciado e que os professores regentes estivessem mais capacitados para lidar com essas crianças. A mãe do Leonardo¹ chegou a dizer que “os professores estão despreparados para lidar com situações adversas.” Seguiu sugerindo que “essas crianças deveriam receber atenção especial.” O que nesta escola não ocorre. (Entrevista, 08/10/2015)

Não existe nenhum trabalho de conscientização e informação sobre o TDAH ofertado para as famílias e nem de capacitação dos professores. Estas quando questionadas se já fizeram algum estudo a respeito, somente duas disseram ter participado de palestras e seminários.

¹ Nome fictício. Identidade Preservada.

As famílias também têm poucas informações sobre o transtorno, o que sabem é através dos médicos, não tendo recebido nenhuma orientação da escola.

5.3 Organização do espaço escolar

No ambiente escolar, algumas ações do professor são essenciais para garantir o pleno desenvolvimento das crianças com TDAH.

Uma vez diagnosticado, o professor tem condições de ajudar o aluno com TDAH sem, com isso, prejudicar a turma. Por meio de algumas estratégias, ele pode facilitar o cotidiano dessa criança na escola. (FREITAS et al., 2010, p. 177)

A organização do espaço escolar, utilizando como estratégia a localização dos alunos com TDAH nas carteiras da frente, ficando mais próximo possível do professor e distantes das portas e janelas é a estratégia utilizada pela maioria das professoras entrevistadas (quatro delas). (Caderno de Campo, 09/10/2015)

Os alunos assentam-se a frente, perto da professora, evito cópias muito longas e tarefas que demorem muito para ser executadas. (professora Geise¹, entrevista, 19/10/2015)

Procuró coloca-los em lugares estratégicos na sala, uso atividades lúdicas e procuró mantê-los dentro da rotina. (professora Aline¹, entrevista, 09/10/2015)

Faço atividades especiais e atendimento individualizado. Coloco os alunos dispersos na frente, perto de mim. (professora Luciana¹, entrevista 19/10/2015)

Utilizo diversos jogos, filmes e brincadeiras para introduzir qualquer conteúdo. Coloco-os sempre para assentar perto de mim. (professora Cibele¹, entrevista, 20/10/2015)

Esse resultado foi muito favorável. Percebi através das entrevistas e das observações nas salas de aula que as professoras estão preocupadas com o desenvolvimento dos alunos e não desistiram deles. Sabemos que as crianças com TDAH apresentam comportamento agitado, são falantes, impulsivas, têm dificuldade de concentrar-se e dispersam com facilidade. Mantendo-os na frente, fica mais fácil prender a atenção deles, pois terão menos oportunidades para conversarem e se distraírem com outras coisas que não seja a aula.

O acompanhamento individualizado também é favorecido quando o aluno assenta-se nas carteiras da frente. O professor fica atento ao que o aluno está fazendo, intervindo quando necessário.

¹ Nome fictício. Identidade Preservada.

Além dos lugares estratégicos para os alunos com TDAH, as professoras disseram utilizar atividades lúdicas, material concreto, e atividades de curta duração, sempre alternando entre os conteúdos.

Trabalho com atividades diferenciadas. (Professora Marina¹, entrevista, 20/10/2015)

Na minha visita à sala de aula da professora Marina¹, percebi que ela também utiliza como estratégia de aprendizagem, o trabalho em grupo. Em conversa informal na sala dos professores, ela me contou que procura dividir os grupos de forma heterogênea e sempre os incentiva a ajudar os colegas que estão com dificuldades. (caderno de campo, 19/10/2015)

5.4 As impressões dos familiares quanto ao uso da Ritalina

Todas as quatro crianças pesquisadas, as mães afirmaram que já fizeram uso da Ritalina e somente uma ainda usa. Todos tiveram efeitos colaterais, até mesmo o menino Renato que ainda faz o uso do medicamento. Veja o relato das mães.

Eu acho este remédio muito forte, às vezes Renato reclama de dor na barriga. Nem os médicos estão preparados para saber a medida que deve ser passado ao paciente. (Shirley¹, mãe do Renato¹, entrevista, 19/10/2015)

Ele tomou por pouco tempo, pois ficou péssimo, muito abatido, não dormia e nem comia nada. (Carmem¹, mãe do Caio¹, entrevista, 07/10/2015)

Ele ficava muito alterado. Hoje ele não faz uso mais, eu parei de dar o remédio. (Elisa¹, mãe do Leonardo¹, entrevista, 08/10/2015)

Dei o remédio por pouco tempo. Ele ficava enjoado e amuado. Eu parei de dar. (Joana¹, mãe do Daniel¹, entrevista, 20/10/2015)

Vemos que os efeitos colaterais são muitos, e como disse a mãe do Renato¹, os médicos vão testando a dosagem até encontrar a correta. O Renato¹ faz uso do medicamento.

Veja agora as respostas das mães quando questionadas sobre o comportamento e a aprendizagem das crianças quando estão medicadas:

Ele fica mais calmo e se concentra no momento em que está na sala de aula. A professora já sabe quando ele esqueceu de tomar a Ritalina. (Shirley¹, mãe do Renato¹, entrevista, 19/10/2015)

Ele piorou e eu mesma parei de dar. (Carmem¹, mãe do Caio¹, entrevista, 07/10/2015)

¹ Nome fictício. Identidade Preservada.

Melhorou, mas ele não faz uso mais. (Elisa¹, mãe do Leonardo¹, entrevista, 08/10/2015)

O comportamento mudou, mas parei de dar o medicamento. Meu filho ficava estranho, muito amuado. (Joana¹, mãe do Daniel¹, entrevista, 20/10/2015)

Percebemos que todos os alunos quando estão medicados, apresentam uma melhora no comportamento. Mas mesmo assim a maioria das mães decidiram parar com o medicamento, pois como disseram, seus filhos ficavam “estranhos”.

Quando perguntei a opinião delas sobre o uso desse medicamento pelas crianças, vejamos as respostas:

Ele melhorou bastante o comportamento e a aprendizagem. Fica mais tranquilo e concentrado. (Shirley¹, mãe do Renato¹, entrevista, 19/10/2015)

Os medicamentos mais atrapalham que ajudam. Acho que esse medicamento só deve ser indicado para casos muito graves. (Carmem¹, mãe do Caio¹, entrevista, 07/10/2015)

Sinceramente, acho que teria que ter uma forma de corrigir essas dificuldades sem usar medicamentos. (Elisa¹, mãe do Leonardo¹, entrevista, 08/10/2015)

Não aconselho ninguém a medicar seu filho, ele fica dopado. (Joana¹, mãe do Daniel¹, entrevista, 20/10/2015)

O menino Renato faz o uso do medicamento há dois anos. Ele apresentava problemas de comportamento e defasagem na aprendizagem. Após iniciar a medicação, Renato se transformou em outro menino, agora mais calmo e concentrado. Por isso, mesmo com os efeitos colaterais, a mãe prefere medicá-lo. Ele toma o remédio, assim que chega à escola.

Os outros três alunos continuam apresentando problemas comportamentais e de aprendizagem na escola, mas as mães preferem esse transtorno, do que verem seus filhos passando mal e diferentes do que são no dia-a-dia.

5.5 As impressões dos professores quanto ao uso da Ritalina e a influência dela no comportamento e aprendizado das crianças com TDAH.

Todas as professoras entrevistadas ao responder a respeito do uso do medicamento pelos alunos, falaram da preocupação quanto aos diagnósticos indevidos. Muitas crianças são medicadas sem antes ser realizado um trabalho com acompanhamento psicológico com a família em parceria com a escola. Porém, ao opinarem sobre o uso do medicamento, todos o veem como um aliado, pois ele deixa o aluno com o comportamento que todo professor deseja.

¹ Nome fictício. Identidade Preservada.

Apesar de ser um medicamento controlado (considerado como droga por algumas pessoas) é um grande aliado, pois ajuda controlar aquilo que sozinho não dá conta. É um mal necessário. Quando não toma o remédio, a diferença de comportamento é evidente. (professora Aline¹, entrevista, 09/10/2015)

É necessário, porém todo medicamento deve ser ministrado por um médico. Se o medicamento só trouxer aspectos positivos, sou a favor. Do contrário, sou contra. Noto a diferença no comportamento dele quando não tomou o medicamento. (professora Marina¹, entrevista, 20/10/2015)

Apesar de ser um medicamento controlado, é necessário. Essa medicação auxilia muito no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que auxilia nos aspectos comportamentais e favorece a aprendizagem. Quando toma o remédio, ficam bem mais centrados, realizam as atividades propostas (professora Lúcia¹, entrevista, 20/10/2015)

Todo medicamento deve ser ministrado por um médico, mas, porém é necessário. Já tive crianças que depois do uso da Ritalina conseguiram aprender. Acho que um profissional da saúde deve ser responsável o suficiente ao indicar um remédio, portanto se for melhorar sou favorável sim. A mudança de comportamento é total. (professora Luciana¹, entrevista, 19/10/2015)

Algumas vezes o que falta é a imposição de limites e regras por parte da própria família. Acredito que deve ser feitas tentativas antes de medicar, principalmente no quesito regras e limites, terapias, esportes, entre outros. Há casos em que apenas uma conversa com os pais o médico receita a Ritalina, sem enviar para a escola um questionário para ser preenchido pela professora, mas também há casos em que fazer o uso da Ritalina é necessário, uma vez que, o aluno não consegue realizar o que lhe é proposto. Infelizmente a diferença do aluno sem a medicação é gritante, dependendo da situação fica quase impossível dar aula. (professora Cibele¹, entrevista, 20/10/2015)

Acredito que se for necessário é importante que seja prescrito. O uso tem que ser avaliado cautelosamente e utilizado somente se necessário. Meu aluno, o dia que não está medicado ele fica muito agitado, briga com colegas, e tem dificuldades para realizar as atividades. (professora Geise¹, entrevista, 19/10/2015)

Vemos através das falas das professoras que elas têm a preocupação quanto a importância da responsabilidade dos médicos na medicalização das crianças, e sabem que alguns médicos infelizmente prescrevem o medicamento na primeira consulta, levando em conta somente os relatos da mãe. Porém, quando vão falar do comportamento e aprendizado das crianças, as professoras aprovam o medicamento, ao invés de também buscarem outras alternativas pedagógicas para melhorar tanto o comportamento quanto o aprendizado dessas crianças.

Pelo discurso de professores e diretores, a sensação é de que estamos diante de um sistema educacional perfeito, desde que as crianças vivam uma vida artificial, sem nenhum tipo de problemas. (...) Para a criança concreta, que

¹ Nome fictício. Identidade Preservada.

vive neste mundo real, os professores parecer considerar muito difícil, se não impossível, ensinar. (COLLARES e MOYSÉS, p. 26, 1996)

De acordo com as autoras, os professores não estão preparados para lidar com o “diferente”. Tudo vai bem, o aprendizado acontece, desde que as crianças se comportem como o esperado. Mas, nossa sociedade mudou e essas mudanças trouxeram pontos positivos e negativos. Nossas crianças não são mais as mesmas e não vivem da mesma maneira de 10 ou 20 anos atrás. Infelizmente os professores não estão preparados para essas mudanças e para superar os desafios que ela trouxe consigo.

¹ Nome fictício. Identidade Preservada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desta pesquisa, identifiquei algumas alternativas pedagógicas utilizadas pelos professores para possibilitar aos alunos com TDAH o desenvolvimento da aprendizagem. Porém, muito ainda precisa ser feito, principalmente quando a questão é em relação ao uso dos medicamentos, como por exemplo, a Ritalina.

Tanto os pais quanto os professores têm consciência de que a Ritalina é uma droga que traz consigo alguns efeitos colaterais, podendo ser prejudicial às crianças. Mas principalmente os professores, levam em consideração os benefícios que esse medicamento traz para a sala de aula, controlando os impulsos das crianças e deixando-as com o comportamento padrão desejado.

Segundo Collares e Moyses (2013), a medicalização tem assumido o papel de controlar as pessoas, e submetê-las a um padrão de comportamento desejado, abafando e suprimindo quaisquer questionamentos e insatisfações. As crianças e os adolescentes são os principais alvos desse processo que busca padronizar e controlar a vida..

Vejo a necessidade de um trabalho efetivo de capacitação de todos os professores em relação ao TDAH e ao processo de medicalização, que transforma tudo o que foge ao padrão em distúrbios e transtornos. Cabe aos profissionais da educação a responsabilidade de começar a mudar essa realidade, pois ainda segundo Collares e Moyses (2013), é através dos questionamentos e insatisfações que se constitui as possibilidades de mudança.

Os pais também precisam de orientação e isso está faltando nas escolas. As poucas que eles têm ouviram dos médicos nos consultórios, mas falta uma orientação também pedagógica. É necessário um trabalho conjunto entre escola X família trabalhando juntas em prol do bem das crianças.

Muito ainda precisa ser feito em relação ao TDAH. Em quase todas as classes temos crianças diagnosticadas com esse transtorno e outras que apresentam os sintomas, porém nenhum trabalho efetivo está sendo feito para melhorar o desenvolvimento deles, além do uso dos medicamentos.

Portanto, sugiro a realização de novos estudos sobre os prejuízos causados às crianças que fazem uso de medicamentos como a Ritalina e ações alternativas de trabalho com essas crianças para que se desenvolvam avançando no comportamento e no aprendizado sem precisar dos medicamentos.

REFERÊNCIAS

COLLARES, Cecília Azevedo Lima. MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. A Transformação do Espaço Pedagógico em Espaço Clínico. (A Patologização da Educação). São Paulo: FDE, 1994.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima. MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. Controle e medicalização da infância. Rio de Janeiro: Revista Desidades, 2013. Disponível em: <<http://desidades.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/12/DESidades-1-port.pdf>>. Acesso em: 14 de setembro de 2015.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima. MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. Preconceito no cotidiano escolar – ensino e medicalização. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

FREITAS, J. S., et al. TDAH: Nível de Conhecimento e Intervenção em Escolas do Município de Floresta Azul, Bahia. Itabuna: Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 2010, p. 175-183.

GALVÃO, Ana Luiza; ABUCHAIM, Cláudio Moojen. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. ABC da Saúde: 2009. Disponível em <<http://www.abcdasaude.com.br/psiquiatria/transtorno-do-deficit-de-atencao-e-hiperatividade>> acessado em 19/09/2015.

LEGNANI, Viviane Neves; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. A construção diagnóstica de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: uma discussão crítica. Brasília: Universidade Católica de Brasília (UCB), 2008.

LERNER, Carine Eloísa. A medicalização das crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, a partir da percepção da gestão escolar e dos professores que atuam nesse nível. Lajeado: Centro Universitário Univates, 2014.

MACIEL, Diva Albuquerque ; RAPOSO, Mírian Barbosa Tavares. Metodologia e construção do conhecimento: contribuições para o estudo da inclusão. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

ROHDEA, Luis Augusto, et al. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): Revista Brasileira de Psiquiatria, 2000, p. 7-11.

APÊNDICES

Apêndice A – Modelo da Entrevista semiestruturada – pais e/ou responsáveis



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Senhores pais e/ou responsáveis,

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. Assim, gostaria contar com sua disponibilidade e interesse em cooperar com essa pesquisa, respondendo sinceramente às questões da entrevista que seguem abaixo.

Desde já agradeço,

Juciane Aparecida Andrade Pereira

Entrevista semiestruturada – pais e/ou responsáveis

Nome: _____ Idade: _____

Grau de parentesco: _____

Profissão _____

Escolaridade: _____

1. Em sua opinião, qual a maior dificuldade existente nas salas de aula atualmente?

2. Você está presente na vida escolar de seu filho, participando das reuniões/eventos promovidos na escola?

3. Seu filho possui laudo médico de TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade?

4. Como foi realizado o diagnóstico do transtorno? Você concorda com esse diagnóstico? Explique.

5. O que sabe sobre o TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade?

6. O que pensa a respeito do aumento no consumo de medicamentos psicoterápicos principalmente por crianças?

7. Qual sua opinião a respeito do uso de medicamentos como, por exemplo, a Ritalina, para alunos com dificuldade de aprendizagem e problemas comportamentais?

8. Seu filho fez ou faz uso desse ou de outros medicamentos? Quais?

9. Você percebeu alguma melhora no desempenho escolar e/ou comportamental de seu filho depois do uso deste ou destes medicamentos?

10. Nota a diferença quando ele/ela não fez uso do medicamento? Qual?

11. Você conhece alguma metodologia ou prática pedagógica utilizada na escola onde seu filho estuda que contribua para o desenvolvimento escolar dele?

12. Gostaria de acrescentar alguma informação ou comentário sobre o desenvolvimento da aprendizagem de crianças com TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade?

APÊNDICES

Apêndice B – Modelo da Entrevista semiestruturada – professores



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Entrevista semiestruturada – Professor Ensino Fundamental Básico

Senhores professores,

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. Assim, gostaria contar com sua disponibilidade e interesse em cooperar com essa pesquisa, respondendo sinceramente às questões da entrevista que seguem abaixo.

Desde já agradeço,

Juciane Aparecida Andrade Pereira

Nome: _____ Idade: _____

Formação: _____

Há quanto tempo leciona? _____

Possui curso de especialização? Qual/quais?

13. O que sabe sobre o TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade?

14. Você já fez alguma formação sobre o tema relacionado às dificuldades de aprendizagem?

15. Possui algum aluno com diagnóstico de TDAH?

16. Relate alguns comportamentos nesse(s) aluno(s), que preocupa(m) quanto ao processo de aprendizagem.

17. Possui dificuldades de aprendizagem? Em quais disciplinas?

18. O estudante tem facilidade para aprender? Qual é a matéria ou o conteúdo que mais gosta?

19. Qual é o assunto que mais gosta de tratar?

20. Como é a participação da família? Ela está presente, contribuindo com o desenvolvimento do filho?

21. Você utiliza algum método ou prática pedagógica para trabalhar com esses alunos? Explique.

22. Qual sua opinião a respeito do uso de medicamentos como a Ritalina para alunos com TDAH?

23. Você possui algum aluno com TDAH que faz uso desse ou de outro medicamento com a mesma finalidade?

24. Nota a diferença quando ele/ela não fez uso do medicamento? Explique.

25. O que pensa a respeito do aumento no consumo de medicamentos psicoterápicos principalmente por crianças?

26. Gostaria de acrescentar mais alguma informação ou comentário sobre o desenvolvimento da aprendizagem de crianças com TDAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade?

ANEXO A

Carta de Apresentação – escola (MODELO)

Apêndice B – Modelo da Entrevista semiestruturada – professores



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e
Saúde - PGPDS
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão
Escolar

Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB

Polo: Ipatinga-MG

Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a) _____

Instituição: _____

Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. ^{sa} o(a) cursista pós-graduando(a) Juciane Aparecida Andrade Pereira, que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof^a Dr^a Diva Albuquerque Maciel**

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e
Saúde - PGPDS
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão
Escolar

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre *TDAAH – Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade*. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de *observações, entrevistas, questionários, gravações* (explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como *diário de campo, gravações, questionários, (explicitar instrumentos de coleta de dados)*, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone (31) 8636-2602 ou no endereço eletrônico juciane.ju@hotmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Professor

Nome do Professor: _____

E-mail(opcional): _____

ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção de Hiperatividade. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas, gravações, observações (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como entrevistas, gravações (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Participante Voluntário

Nome do Participante Voluntário:

E-mail(opcional): _____